

**MANOEL  
DE BARROS  
O LIVRO DAS  
IGNORÂÇAS**

ALFAGUARA  




Copyright © 1993, 2016 by herdeiros de Manoel de Barros

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Curadoria*

Italo Moriconi

*Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica*

Regina Ferraz

*Imagem de capa*

Martha Barros

*Créditos das imagens*

Todas as fotos e documentos reproduzidos no livro pertencem ao acervo pessoal do autor.

*Textos de contracapa e orelha*

Italo Moriconi

*Revisão*

Eduardo Rosal

André Marinho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barros, Manoel de

O livro das ignoranças / Manoel de Barros. – Rio de Janeiro :  
Alfaguara, 2016.

ISBN 978-85-5652-004-3

1. Poesia brasileira I. Título.

16-01054

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.1

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

O verbo virgem	7
<i>Valter Hugo Mãe</i>	
<b>O LIVRO DAS IGNORÂÇAS</b>	11
1ª parte – Uma didática da invenção	13
2ª parte – Os deslimites da palavra	23
3ª parte – Mundo pequeno	49
Cronologia	81
Fotografias e documentos	89
Relação de obras	103
Bibliografia sobre Manoel de Barros	105
Índice de títulos e primeiros versos	117

## O verbo virgem

Manoel de Barros sabe por candura e não por academia. A impressão que tenho é a de que ele mantém um estado de pureza como quem espera merecer o milagre. “Um humilde diante das coisas”, como disse Antônio Houaiss. Milagre é coisa que acontece a gente que crê, a gente que espera, quero dizer, que tem esperança. Mas, Manoel de Barros sabe. Não se confunda o ímpeto para a virgindade do verbo com um qualquer tipo de ingenuidade. Ele é um feroz trabalhador da linguagem, analisando suas capacidades, suas oportunidades, para fazer surgir um modo de dizer, mais do que para representar as evidências. As evidências seriam os seus objetos mais submissos, e ele não lida com submissão. O que propõe foge largamente ao óbvio ou ao expectável, é mais da ordem de uma rebeldia, de uma revolução. O decalque do que existe nunca lhe interessaria. A realidade é insuficiente para um poeta. Confessaria ao cineasta Pedro Cezar: “Eu sou um poeta da palavra e ninguém quer entender isso. Eu invento o meu Pantanal”. É, para mim, fundamental que partamos desta consciência, a de que o delicado universo nos livros do belíssimo senhor Barros é uma intimidade sua, mestre da revelação do que até então não existia e se vê capturado no vocábulo. Subitamente, a palavra nasce ou aumenta, para que signifique algo impensável ou que estivera vedado, secreto.

O que Manoel de Barros cata no Pantanal só poderia haver sido catado no Pantanal mas não estava no Pantanal. Estava na sua própria cabeça, o lugar infinitamente sapiente do que inventa. O lugar do genuíno Pantanal da

poesia. Por isso, como diria, é dono do que escreve. Quem apenas alude ao que o circunda nunca se apodera de nada, pede emprestado.

O método de Manoel de Barros é o da observação sempre inicial. Cada coisa começa de novo com ele, numa aprendizagem contínua, inesgotável, que recusa as codificações prévias para se situar nessa experiência sempre semelhante à magia que é mais típica da infância. Nesse acontecimento tudo é celebração. Poucos poetas se podem comparar a Barros neste aspeto, porque quase poesia nenhuma atinge um tão elevado sentido de glorificação do prazer de falar, como se a criança aprendesse a falar só por deslumbre ou encanto, porque tudo deslumbra na sua voz. É claro, a criança regozija permanentemente. Esta poesia é o brinquedo mais incrível e, afinal, só com ela as coisas ganham importância. A poesia precisa de alcançar o “grau de brinquedo”.

O perigo de se encerrar Manoel de Barros num catálogo de interesses ecológicos vem da sua despojada visão do homem. Ele não é especista. No seu texto bichos e gente, coisas e inexistências comungam. Todas as coisas se equivalem em valor para a poesia, a matéria-prima é a plena extensão do vocabulário existente e a inventar. Desta forma, é um elemento recorrente esse do resto aproveitado ou da coisa não sabida. Tudo quanto é enjeitado ou discreto, pequeno, mal-entendido ou não nascido, é precioso para a arte de intensificação de Barros. Todas as ignorâncias são valiosas para sua inteligência, porque ele dá sentido ao absurdo e usa o absurdo para verdade, exatamente como quem usa referências reconhecíveis para atingir ideias originais. De outro modo, tendo o Pantanal como uma quase contingência, o Pan-

tanal do seu texto será único e igual apenas a si mesmo. Cada palavra entra como única nos seus versos e já só passível de ser igual a si mesma. As suas palavras adentram um idioma distinto ou idioma nenhum. São de outra liberdade.

Se é certo que entendemos sua linhagem dentro da dos grandes ouvidores de vozes populares, como foi também a desse genial João Guimarães Rosa, lembro sempre que Barros partilha com outro génio, Oswald de Andrade, a euforia pela língua “não catequizada”, e é isso que o define. A disciplina não lhe interessa enquanto regra imposta, exterior. Apenas se disciplina por uma espécie de afeto íntimo, pessoal, pelas imagens da língua. A sua vontade é colher como fruto da natureza, e não como conquista de escola. A sua escola é esconder a escola. Ler Manoel de Barros cria muito essa sensação de que texto também vem de árvore e amadurece ao sol, delicado e generoso. O que Oswald tem de protesto e reivindicação, Barros vai ter de atração pela doce travessura e equilíbrio, como se inventasse para convencer todas as coisas da sua própria validade, ou de uma certa felicidade, porque o encanto tende a curar tudo. Mas ambos consumam uma brasilidade livre, endêmica, desimportada com o que não seja uma natureza intrínseca de se ser brasileiro. Não perdem a universalidade por isso, o que fazem é exigir a universalização de um determinado ponto de vista, o brasileiro.

No ano de 1999 telefonei a Manoel de Barros. Expliquei que era um jovem editor de uma pequena chancela de poesia e queria publicar, pela primeira vez em Portugal, um livro seu. A sua voz, estupefata, queria saber que es-

tranheza dera à minha vida para querer fazer algo que as grandes casas editoriais não haviam feito até então. Expliquei-lhe que o amava muito, que me comovia, que o editaria como quem beija. Ele riu e disse que sim. Que certamente a sua editora brasileira precisaria de saber do contrato. A verdade foi que acabámos fazendo tudo numa conversa pessoal, meio amadores, os dois. Ele exigiu que a antologia juntasse apenas trinta poemas. Eu queria um volume imponente, como todos os versos. Ele insistiu: “poesia tem de ser pouca”. Como se fosse mais prudente convidar o novo leitor português a entrar devagar. Escolhi vinte e nove poemas e ele ofereceu um inédito. Fizemos um livrinho chamado *O encantador de palavras*. Hoje, eu detesto a capa, detesto a cor da capa. Detesto a lombada tão magrinha, o texto ingénuo que escrevi nas orelhas. Só gosto do orgulho de haver estreado Manoel de Barros em Portugal. Para a seleção, ele enviou alguns livros que eu não tinha e umas raríssimas palavras escritas. Falámos ao telefone uma dúzia de vezes. Prometeu conceder-me uma entrevista para acompanhar a publicação do livro, mas, em cima da hora, recuou. Era imprestável para entrevistas. Só sabia falar sem compromisso. Não queria que os portugueses soubessem nada senão a poesia. Fiquei amorosamente furioso. Perguntou-me porque, afinal, eu gostava tanto dele. Respondi que ele punha passarinhos nos meus assuntos. Desligámos. Manoel de Barros entrou nas bibliotecas de muitos portugueses e, que eu tenha notícia, todos guardam por ele o mesmo afeto. Fico a pensar que se espalharam passarinhos pelos assuntos de toda a gente.

*Valter Hugo Mãe*

# O LIVRO DAS IGNORÂÇAS



1ª parte

# UMA DIDÁTICA DA INVENÇÃO

*As coisas que não existem  
são mais bonitas.*

FELISDÔNIO

## I

Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:

- a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca
  - b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer
  - c) Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos
  - d) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação
  - e) Que um rio que flui entre dois jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre dois lagartos
  - f) Como pegar na voz de um peixe
  - g) Qual o lado da noite que umedece primeiro.
- etc  
etc  
etc

Desaprender oito horas por dia ensina os princípios.

## II

Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha.

Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.

### III

Repetir repetir — até ficar diferente.  
Repetir é um dom do estilo.

### IV

No Tratado das Grandezas do Ínfimo estava escrito:  
Poesia é quando a tarde está competente para dalias.  
É quando  
Ao lado de um pardal o dia dorme antes.  
Quando o homem faz sua primeira lagartixa.  
É quando um trevo assume a noite  
E um sapo engole as auroras.

### V

Formigas-carregadeiras entram em casa de bunda.

### VI

As coisas que não têm nome são mais pronunciadas  
por crianças.

## VII

No descomeço era o verbo.  
Só depois é que veio o delírio do verbo.  
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a  
criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos.*  
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona  
para cor, mas para som.  
Então se a criança muda a função de um verbo, ele  
delira.  
E pois.  
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer  
nascimentos —  
O verbo tem que pegar delírio.

## VIII

Um girassol se apropriou de Deus: foi em Van Gogh.

## IX

Para entrar em estado de árvore é preciso partir de  
um torpor animal de lagarto às três horas da tarde, no  
mês de agosto.  
Em dois anos a inércia e o mato vão crescer em  
nossa boca.  
Sofreremos alguma decomposição lírica até o mato  
sair na voz.

Hoje eu desenho o cheiro das árvores.

X

Não tem altura o silêncio das pedras.

XI

Adoecer de nós a Natureza:

— Botar aflição nas pedras

(Como fez Rodin).

XII

Pegar no espaço contiguidades verbais é o mesmo  
que pegar mosca no hospício para dar banho nelas.

Essa é uma prática sem dor.

É como estar amanhecido a pássaros.

Qualquer defeito vegetal de um pássaro pode  
modificar os seus gorjeios.

XIII

As coisas não querem mais ser vistas por pessoas  
razoáveis:

Elas desejam ser olhadas de azul —

Que nem uma criança que você olha de ave.

XIV

Poesia é voar fora da asa.

XV

Aos blocos semânticos dar equilíbrio. Onde o abstrato entre, amarre com arame. Ao lado de um primal deixe um termo erudito. Aplique na aridez intumescências. Encoste um cago ao sublime. E no solene um pênis sujo.

XVI

Entra um chamejamento de luxúria em mim:  
Ela há de se deitar sobre meu corpo em toda a espessura de sua boca!  
Agora estou varado de entremências.  
(Sou pervertido pelas castidades? Santificado pelas imundícias?)

Há certas frases que se iluminam pelo opaco.

XVII

Em casa de caramujo até o sol encarde.

### XVIII

As coisas da terra lhe davam gala.  
Se batesse um azul no horizonte seu olho entoasse.  
Todos lhe ensinavam para inútil  
Aves faziam bosta nos seus cabelos.

### XIX

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a  
imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás  
de casa.  
Passou um homem depois e disse: Essa volta que o  
rio faz por trás de sua casa se chama enseada.  
Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que  
fazia uma volta atrás de casa.  
Era uma enseada.  
Acho que o nome empobreceu a imagem.

### XX

Lembro um menino repetindo as tardes naquele  
quintal.

XXI

Ocupo muito de mim com o meu desconhecer.

Sou um sujeito letrado em dicionários.

Não tenho que 100 palavras.

Pelo menos uma vez por dia me vou no Morais ou  
no Viterbo —

A fim de consertar a minha ignorãça,  
mas só acrescenta.

Despesas para minha erudição tiro nos almanaques:

— Ser ou não ser, eis a questão.

Ou na porta dos cemitérios:

— Lembra que és pó e que ao pó tu voltarás.

Ou no verso das folhinhas:

— Conhece-te a ti mesmo.

Ou na boca do povinho:

— Coisa que não acaba no mundo é gente besta  
e pau seco.

Etc

Etc

Etc

Maior que o infinito é a encomenda.

...